

# Coisas do futebol são assim

por Tomaz Moiana

**E** um luto bastante pesado que nos cobre os corações quando finda o campeonato de futebol em Moçambique. Futebol que é a rampa de muitas felicidades, preocupações, ansias, delírios, alegrias, discussões, apostas, inquietações, esperanças, amizades, mal-entendidos, dissabores, festas, por vezes doenças, inimizades, luta e por que não lágrimas e mortes?

Eu diria, em nome de todos os amantes desta modalidade de desporto, que o período de repouso para os praticantes desta, é um momento de desterro para nós. Da mesma forma que ansiámos a música nas horas de descanso, através da Rádio, sentimos a falta da voz do célebre João de Sousa no «Xirico» a gritar golo, ou empenhado nos seus tão pormenorizados comentários, que até nos faz calcular a quantidade da relva arrancada em cada choque dos saudosos gigantes. São coisas do futebol...

Quantas vezes, durante o ano, o estádio da Machava não se tornou tão ou mais pequeno que a praça de touros? Seria oportunista se me referisse ao domingo dia 15 de Setembro, no Moçambique-Líbia, mas posso apontar ao Maxaquene-Ferrovário, em que às 12.30 horas já me encontrava no interior do estádio com o meu almoço, à procura do melhor lugar. Um almoço que me ficou em menos que metade durante o assalto que empreendemos àquele «chapa cem» na ida para o campo e que me deixou em terra, pois estava já no veículo quando um matulão a trepar, agarrou-se ao meu pescoço, fazendo-me cair fora do combate e ocupar o meu lugar. A seguir apanhei uma boleia perto da ROMOS, mas quando fomos a chegar à Farmácia Jardim, os ocupantes do carro reconheceram aquele que gravou o disco do Maxaquene e mandaram-me sair do carro, pois, eram todos do Ferrovário. São coisas do futebol...

Aposto que, neste tempo de paragem, vários são os cobradores dos TPU, que se sentem tristes. Algo lhes falta, quanto mais não seja a violência dos utentes na frota Cidade-Machava, o que lhes permite desenvolverem o já conhecido truque «não tenho troco» enquanto guarda os cinco meticais no couro tipicamente marcado de escoriação, símbolo de muitos anos de arrecadar as quinhentas e escudos que hoje faltam para fazer trocos. Já não falo dos «chapa cem», que pouco mais fazem que ir ao BPD consultar o saldo para melhor queimar o tempo (vazio), que nos separa do início do próximo campeonato.

A propósito de queimar o tempo,

neste momento em que estou de férias, tenho-me divertido, procurando conversadores nas esquinas, cafés-vente-chá, ou cervejaria sem cerveja, que são os melhores sítios para ouvir os mais variados comentários sobre as equipas e jogadores, e as transferências que se vão verificar de alguns jogadores para outras equipas. No próximo ano, diz um cidadão, o Flamengo vai disputar os primeiros lugares da tabela classificativa. Alguns queriam bater-lhe, e ele acrescenta:

O Conde, Jerry Santinho, Gil, Chababe, Manuel, e mais três craques, cujos nomes me fugiram, pró ano vão para o Flamengo. Perguntaram-lhe onde tinha bebido, se ali não havia cerveja. Aqui aproveitei o silêncio para informar sobre o segredo dos golos do Almeida disparados a partir da grande área do Nuro Americano, o que fez gerar uma confusão quando um atrevido disse-me «famba u ya fa» e eu fiquei zangado.

Foi nessa altura que entrou na cervejaria um grandalhão da Mafalala conhecido actualmente por «Fala-pouco», pois conheci aquele indivíduo há muitos anos quando era conhecido por «Bate-fora». Aproximou-se do grupo e encontrou o que procurava. Pegou pelos colarinhos um cidadão entre o grupo e segredou-lhe: «Os meus dois mil meticais da aposta. É ou não Maxaquene o campeão nacional?»

Ia começar ali mesmo, mas o dono do estabelecimento ordenou que saíssem imediatamente e, se não aconteceu nada lá fora, foi porque o réu-devedor corre mais do que eu e o falecido Repinga. São coisas do futebol...

A caminho de casa, lembrei-me do episódio da Machava, no jogo Moçambique-Líbia. No portão do lado direito da entrada da tribuna de honra, gerou-se uma pequena confusão que levou os dois porteiros a fecharem o portão. Não perdemos um minuto. Junto dos balneários existe uma brecha no arame farpado em cima do muro que tão bem ajuda a quem não tenha tempo a perder. Penso que em dez minutos entram ou sobem mais de 200 pessoas, mas todos com bilhetes na mão, e isso só foi descoberto quando viram um grupo de pessoas a vender bilhetes de dentro para fora do campo, através dos ferros do outro portão ao lado que está sempre fechado. Daí que os dois porteiros foram à busca da Polícia e atrás, os homens a quem fecharam o portão, abriram-no e foram imparáveis como o vento para o interior da zona tão desejada. Enfim, não diremos que somos dos piores, pois ainda este ano, algures na Europa, salvo erro na Bél-

gica, houve mortes às dezenas fora dum estádio e antes do início do respectivo jogo. São coisas do futebol...

Lembro-me com frequência o desgosto que li na cara do meu amigo Omar Adade Muage, quando me informava que estava de avesso com o Desportivo, por não ter feito a festa de homenagem ao Frederico no Estádio da Machava como os campeões fizeram com o Naldo. Disse ainda que defesas como aquele só se encontram em dois países do mundo: Brasil e Inglaterra. Perguntei-lhe sobre o desaparecimento gradual do Desportivo, ao que respondeu-me com outra pergunta: «Será que ainda não percebeu que as andorinhas que sobrevoavam constantemente o campo do Desportivo quando este jogava, agora passaram p'ro campo ao lado? — Acha que se não fosse isso, vocês conseguiriam ser campeões e bicampeões?»

Bem, acrescentou o meu amigo, «eu não tenho nada contra o Maxaquene, a única coisa que não gosto é que todos os jogadores daquela equipa são cá uns gingões que até parece que o mundo é deles...»

Aí estão os veteranos a reduzir as barrigas, diminuindo a quantidade do gás da cerveja e a nicotina do «Palmar» de 250,00 MT o maço. A conversa é Estrela Vermelha, Matolinhas, 1X2, Xitimela, Babalaze, Interfranca, etc., etc. Quem visitar o campo do Desportivo nas terças e sextas, às 17.30 h. encontrará o Inter envidado em delicados treinamentos, que pouco nada difere do Inter do Milão. Os componentes da equipa são dos mais imortais nomes do futebol moçambicano como o meio-campista Naldo, o técnico Adelino Jorge, o sábio Bessa, o calmo Amide, o inglês Frederico, o «sprinter» e cabeceador Sitoe, o inesquecível Nuro (moçambicano), os professores Palma Pinto e Vaz, o director e internacional João Carlos, o miúdo Januário, e muitos outros. Como comandante, está no «cock-pit» o famoso Maurício que, quando fala, gesticula, fazendo mexer tudo o que compõe os seus quarenta e poucos anos. No banco de comando e direcção, além do conhecido Scândaro, está um agente técnico de medicina com uma caixa branca de dois metros cúbicos, onde não falta a seringa, ligaduras, bálsamo, sloans, aspirina, cloroquina, nenicilina, tetraciclina, resoquina, e tudo terminado em «ina». Penso que não é necessário fazer referência ao homem, que durante o treino vai cuidando com carinho do lanche, que aguarda a aproximação dos craques no final dos trabalhos. Chamem-lhes velhos, vetera-

nos ou mesmo ultrapassados mas ali há futebol e do bom. Se alguma coisa falta é ar condicionado no campo e uma geladeira com umas «impalas» mesmo a preço de candonga. É verdade que, falando do futebol veterano, não é só no Inter que ele existe, pois, pelas bandas do Estrela Vermelha o cântico é o mesmo. Lá se encontram valores bem conhecidos como o saudoso Tomás (ex-Costa do Sol), Manhiça, Moiane, Papucho, Taquim, Amade, e falam a mesma linguagem que o Interfranca.

Bem haja o Totonotícias 1985, apesar das clareiras que se verificaram nas bancadas, como que desafiando a intensa publicidade iniciada com uma semana de antecedência, que até nos fez prever que iriam ser demolidos os muros do estádio para caber mais gente. O melhor espectáculo daquele memorável jogo foi, sem dúvida alguma, o proporcionado pelo técnico do «Toto», Sr. Adelino Jorge, em cada golc marcado pela jovem equipa. Ele parecia um autêntico adepto, ora jogador, ora assistente, suplente, e técnico também. Cheguei mesmo a pensar que tudo quanto ele queria era brindar à infelicidade do Sr. Rui Caçador, que se o caçasse noutro sítio mesmo sem arma... era o fim, mas acredito que quando eu já estava a dormir, alguém vestido de «smoking» servia-lhes umas taças de um deliciosíssimo líquido. Mas digam-se em abono da verdade, que o caso foi bicudo para o Sr. Caçador. Aqueles miúdos do «Toto» não tiveram um momento de pensar que o adversário era o bicampeão nacional da RPM. Vejam lá que os campeões chegaram a ir procurar a bola na bancada e pedir um minuto ao árbitro para contar os jogadores do adversário, quando o Totonotícias virou a Totojoga para depois chegar a Totoganha, e os campeões só sossegaram quando da bancada lhes segredei que está para breve a gravação do disco que irá fazer o mundo saber que o Maxaquene é o incontestável bicampeão de futebol em Moçambique edição 1985. Aproveite para dizer que eles chamam-me o «Soadeca» (sócio-adepto-cantor) do Maxaquene. São coisas do futebol...

Ultimamente não tenho acompanhado o futebol dos trabalhadores e a sua evolução mas, é verdade, que conheci empresas que levavam isto mais a sério do que muitos pensam. Dispensas para treinos, aquisição de equipamentos novos, reuniões de moralização aos atletas, cartões e quotização de sócios dentro da unidade de produção, ensaios de coros de apoio à equipa e definida a hierarquia como

sendo o capitão da equipa o segundo na empresa, depois do Director.

Esta situação lembra-me aquela cena que aconteceu numa escola primária, em Anádia, distrito de Aveiro, em Portugal. É uma vila que se situa a 27 quilómetros de Coimbra e 30 de Aveiro. Pois, então, o professor perguntou à pequena aluna quem era o homem mais conhecido em Portugal, ao que ela respondeu que era o Eusébio. Errado — disse o professor. Então tu não sabes que é o Salazar? — Bem, disse a pequena, eu não conheço esse, talvez não seja da equipa principal. São coisas do futebol...

Não costumo falar da minha vida de futebolista porque é um pouco triste, apesar de ter tido muitos momentos de glórias. É que joguei esta coisa durante 22 anos, dos quais três em Portugal e sete em Angola (profissional) como um meio-campista titular, mas só marquei três golos em toda a minha vida. Não só. Em Angola, tirei os cursos de activista de atletismo e treinador de futebol, para chegar a Moçambique pegar nos meus canudos e ir para o palco cantar. Que tráfalhece...

Aí está a selecção nacional de malas aviadas p'ro Cairo, no Egipto, onde as coisas vão ser extremamente difíceis na medida em que não haverá assinatura de acordos de cooperação como aconteceu recentemente lá no Cairo, entre os Ministérios do Interior africanos. As assinaturas caberão às biqueiras das botas nos pés das pernas dos corpos com as cabeças mais determinadas. Não haverá misericórdias no julgamento dentro do rectângulo, pois já lá vão mais de 2000 anos desde que Jesus Cristo desapareceu do Egipto rumo à Galileia e depois Bethlahema, sua terra natal. Eu estou indiscutivelmente cónscio de que traremos do Cairo um resultado honroso. Sou realista por excelência e nunca deixo olvidado o mais exíguo pormenor nas minhas afirmações. Quero dizer, seja qual for o resultado final do certame da fase final da Taça das Nações Africanas de Futebol, no Cairo, a nossa selecção dignificará o nome deste país, porque ela pode e, não duvido do quão sentem os seus componentes, não só o peso da responsabilidade que lhes é indigitada, como também um soberbo amor pela camisola que envergam, a camisola que tem o nome de um prestigioso país da África Austral escrito com dez letras.

Avante meninos, humildes mas potentes e irreprimíveis. Estaremos convosco no «Xirico» e, tudo quanto venha a acontecer lá no Cairo, são coisas do futebol...